

Biblioteca Nacional de Portugal – Coleção Pombalina

PBA 526 Miscelânea

Carta anônima II, fl. 269.

Senhor

O miserável estado em que ao presente se acha Pernambuco pelos pecados e desordens de seus habitantes me move levado do zelo do serviço de Deus e de Sua majestade que Deus guarde fazer a Vossa Senhoria Esta advertência para que inteirado da verdade que aqui exponho lhe de o remédio que parecer mais conveniente.

É de advertir que a maior parte dos magnates e senhores das terras destas capitâneas são revoltosos e com tal presunção de fidalguia que procuram por todos os caminhos que os pobres os respeitem e obedeçam, e para conseguirem usam de uma política verdadeiramente muito prejudicial ao Real Serviço e bem comum de todos estes povos e és que as terras de que são senhores não costumam aforar em forma que possam ter jus os pobres que nelas vivem, em razão de que a todo o tempo em que estes lhe não fizerem à vontade possam com mais liberdade de expulsá-los delas, ou porque a conveniência de viverem nelas os traga sempre subordinados a sua obediência.

Das consequências desta desordem não se podem seguir nem esperar bons fins e a experiência nestas duas sublevações a custa de tantos danos bem o tem mostrado, pois os miseráveis que tinham o seu domicílio nas terras destes sujeitos, uns os acompanharam pelas causas ditas, outros que o não fizeram por lhe parecer ilícito e seguiram o partido do governador dos índios D. Sebastião Pinheiro [Camarão] e dos mais cabos a ele adjuntos, agora em vingança a

alguns derrubam as casas e aos mais os fazem despejar das terras em que vivem, vindo por este caminho a ficar a pobreza 'mais impossibilitada e a terra menos abundante de mantimentos, porque não só por esta ocasião, mas em qualquer tempo que não concorrem para o seu gosto sendo por eles ocupados logo são expulsos e talvez em tempo que os miseráveis esperavam colher o fruto do trabalho com que tinham cultivado as ditas terras e assim de força buscam outras donde trabalhando de novo sempre expostos ao mesmo perigo não é possível que medrem o que me parece se podia remediar mandando Sua Majestade que os senhores de engenhos e mais terras destas capitâneas, visto serem muito menos do que os pobres, pois há homem que nas suas terras acomoda duzentos, que são como seus servos, reservando as terras de canas e madeiras que bastam para provimento dos ditos engenhos, as mais que não cultivam sejam obrigados a aforá-las em forma que não possam botar fora delas aos aforadores sem se acabar o tempo do aforamento para que livremente possam dispor das benfeitorias que nas ditas terras tiverem feito, porque assim ficaria a terra mais farta e os seus habitantes mais isentos e menos subordinados aos senhorios e estes com menos domínio nos povos e Sua Majestade mais bem servido e finalmente a pobreza toda mais bem acomodada visto me parece, submetendo-me sempre as disposições de Vossa Senhoria que Deus nosso senhor guarde para paz e quietação de toda esta terra.